

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

178

INSCRIÇÕES 673-675



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2018

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



NERITVS SERVVS ROMAE DECESSIT

Epígrafe de mármore branco com bastante pátina, achada há vários anos na Herdade das Pias, freguesia de Faro do Alentejo, concelho de Cuba, na posse de Nuno Cardoso, proprietário da herdade¹.

O monumento (Fig. 1) não está completo na sua parte superior. À primeira vista, parece ser um cipo em forma de *cupa* invertida (e sem aros). A forma não trabalhada da retaguarda, em bruto constitui, no entanto, o encaixe perfeito para colocar no nicho de um monumento funerário. Também poderá ser uma ara, porque existe uma rosácea quadripétala inscrita numa circunferência com 6 cm de diâmetro, do lado esquerdo; poderia ter existido uma outra, à direita.

Dimensões: (58) x 37 x 21.

NERITVS · MARIAE / PRISCAE · SER(vus) · AN(norum)
· XX (viginti) / HIC · ROMAE · DECESSI[T] / ITEM · NEREIS
· SOROR / ⁵ AN(norum) · XXV (quinque et viginti) · HIC · SITA
· EST / TV · QVI CONTENDIS · / [SISTEQVE?] D[I]C [SIT]
TERRA · [LEVIS] [?]

¹ Agradecemos-lhe a disponibilidade manifestada para nos permitir o estudo do monumento; o nosso bem-haja também a Fernando Valente, que nos informou do seu paradeiro.

Nerito, escravo de Maria Prisca, de 20 anos, este morreu em Roma e também a irmã Nereida, de 25 anos, aqui jaz. Tu, que caminhas, pára e diz: que a terra seja leve.

Altura das letras: l. 1 a 6: 4; l. 7: 2. Espaços interlineares: l. 1: 20; 2 a 8: 2,5.

Paginação com alinhamento à esquerda; espaços regulares. Na l. 6, antes do nexu TV, o sulco vertical afigura-se-nos ser o que resta do filete que poderia ter marcado o limite do campo epigráfico. *Puncti distinguentes* triangulares. Caracteres actuários: note-se o **Q** oblongo de haste oblíqua bem curta, **O** elíptico, **E** de barras curtas oblíquas, **R** com a parte superior pequena donde sai a perna longa e curvilínea, **D** largo...

O desgaste que a superfície epigráfica sofreu dificulta a leitura sobretudo a partir da l. 5, embora nesta ainda se leia bem a parte final (FIG. 2). Dificuldade maior reside na última linha, onde nos parece possível reconstituir *dic*, que estará, provavelmente, seguido da fórmula convencional (FIG. 3). A presença de *contendis*, forma que tem conotação de movimento, convida a que a ela se contraponha uma outra a implicar a necessidade de parar – *siste!* –, a fim de ler o epitáfio e formular o voto funerário habitual. Cremos possível ser esse o texto ali inscrito, ainda que o restituamos dubitativamente, devido ao mau estado da superfície aí. Julgamos, porém, ser inédito – quanto nos foi dado perceber – o uso, neste contexto, do verbo *contendere* (andar depressa) quer na epigrafia romana peninsular e mesmo no panorama oferecido em EDCS². O apelo *siste* («pára!») é, ao invés, mais frequente, sobretudo em textos poéticos, sempre em contraposição a essa ideia de movimento. Citem-se, a título de exemplo, alguns dos que podem encontrar-se na citada base de dados:

– EDCS-12401322 (CIL IX 1817, CLE 1055), de Benevento:
[...] *quicumque Albana tendis prope[rasque viator] paulisper celeres siste rogare pedes.*

– EDCS-05501387 (CIL II 1382 = CIL II 05412), de

² EDCS é a sigla de Epigraphik Daten-bank Claus / Slaby, o banco de dados epigráficos mais actualizado que abarca os testemunhos identificados em todo o Império romano, acessível em <http://www.manfredclaus.de/gb/>.

Carmona, na Bética, traz *siste* no final do epitáfio de uma criança fenecida com 2 anos, 1 mês e 29 dias...

– EDCS-2950023 (CIL III 09314 = CLE 01205), de *Salona*, na Dalmácia: [...] *Quisquis es adventum nostrum contempla sepulcrum siste precor paucis perlege fata mea*.

– EDCS-65500116 (CIL III 111), de *Acrvium*, na Dalmácia: *siste gradum viator humique sedens [...]* (para o andar, viandante, e, sentado no chão, [...])

– EDCS-05601055 (CIL II 05907 = CLE 01193), de *Linares* (Castulo): *Siste precor quaeso cipum cognosce viator Antisporus annorum VIII carus* (para, suplico, viandante, contempla o cipo: o querido Antisporo, de 8 anos).

Um ambiente, poderemos deduzir, em que predomina um halo de muito carinho e tristeza, mormente perante a morte prematura de entes queridos. No caso presente, dois irmãos: faleceu *Neritus* em Roma, com apenas 20 anos, antes de a família *Maria* se ter deslocado para as úberes terras pacenses, em busca de boa agricultura ou na mira de o negócio das minas lhes poder dar melhores condições de vida; já aqui, foi a vez de *Nereida* partir, também na flor da idade. Motivo havia, portanto, para lamentar as suas mortes e, irmãos na vida, irmanados serem na memória tumular.

Nada se diz do estatuto social de *Nereis*; escrava terá sido também, como o seu nome mitológico o sugere. De *Neritus* expressamente se diz de quem foi escravo, um pretexto, aliás, para se perpetuar o nome da família *Maria*, que os acolhera.

Neritus, *cognomen* desconhecido, até ao momento, na epigrafia peninsular, foi incluído por Solin entre os nomes gregos, com 9 testemunhos na epigrafia de Roma, 5 dos quais a identificar escravos ou libertos³. É o diminutivo da palavra grega νερό, que significa «água», registando-se, na região italiana de Abruzzo, o topónimo *Nerito*, a que se atribui precisamente o significado de «lugar da água».

Não chegam a uma dezena as ocorrências de *Nereis* na epigrafia da Hispânia, sendo de assinalar que se identifica

³ SOLIN, Heikki, *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*, 1, Berlin-Nova Iorque, 1982, p. 590.

na necrópole da Quinta do Arroio, em Tavira⁴. Escrevemos, na altura, em comentário, que nos parecia «possível a ligação deste antropónimo a um estrato populacional eventualmente relacionado com a actividade marítima e comercial»; foi atribuído aí «a uma liberta, homenageando Nereida, ninfa do mar – o que denota apreciável nível de cultura». Se, no caso da Herdade de Pias, a relação com o mar não se põe na altura da morte, nada impede, todavia, que se tenha posto, em Roma, quando o nome lhe foi dado. Em todo o caso, a onomástica destes dois defuntos, juntamente com o referido carácter erudito da fórmula final, atesta efectivamente um bom nível cultural.

Há outros testemunhos do *nomen Marius* (também ele ligado ao mar?) na epigrafia romana hispânica; no *conventus Pacensis*, regista-se cerca de uma dezena (IRCP, p. 863), entre os quais poderá referir-se *Maria Euprepia*, relativamente perto de Cuba, porque foi o seu epitáfio (IRCP 430) achado em Nossa Senhora d’Aires, do vizinho concelho de Viana do Alentejo, possivelmente uma liberta também, de que o marido, o dedicante, não hesita em dizer *quai [sic] fate concesserunt vivere annis XXXXV*, «a quem os Fados concederam que vivesse 45 anos», expressão de claro teor poético, a denunciar igualmente um ambiente cultural não despreciando.

Não pode deixar de se assinalar também a informação do falecimento em Roma, porque há na Lusitânia ocidental três outros exemplos, do termo de *Conimbriga*: o epitáfio de *Iulius Fortunatus, Romae sepultus*, foi achado na Ega, mandado gravar pela mãe e pela irmã⁵; na epigrafia da própria cidade, *P. Lucanius Reburinus*, de 37 anos, também sepultado em Roma, é recordado por sua mãe, *Publia Procula*⁶. Aliás, também *Fouilles II* n° 33 refere o filho de *Coelia Romula*, de 32 anos, que faleceu

⁴ ENCARNAÇÃO, José d’, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* (= IRCP), Coimbra, 2013, inscrição n° 82.

⁵ ENCARNAÇÃO, José d’ e CORREIA, Virgílio Hipólito, «Inscrições romanas no Paço da Ega (Condeixa-a-Nova) (*Conimbriga – Conventus Scallabitanus*)», *Ficheiro Epigráfico* 98 2012 inscrição n° 443. <http://hdl.handle.net/10316/20220>

⁶ *Fouilles II* 34= ÉTIENNE, Robert; FABRE, Georges; et LÉVÊQUE, Pierre et Monique, *Fouilles de Conimbriga, II – Épigraphe et Sculpture*, Paris, 1976, inscrição n° 34.

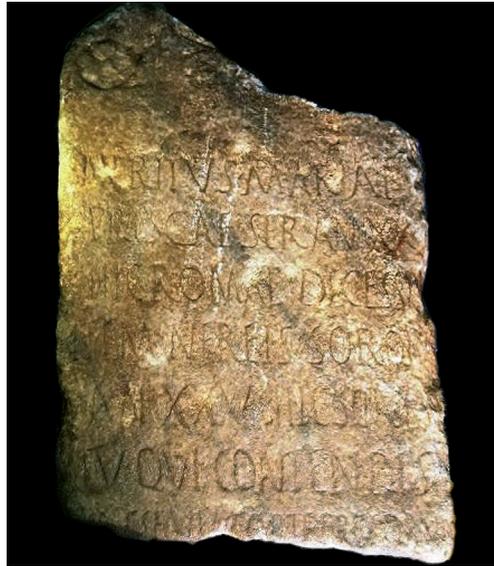
no caminho para Roma e aí foi sepultado: «in itinere urbis defuncto et sepulto». A estes se poderá juntar, ainda que como hipótese, o caso do marido e dos filhos de *Calpurnia Sabina*, cujo cenotáfio se identificou na *villa* romana de Tourega, perto de Évora (IRCP 382): senadores, ele, *Q. Iulius Maximus*, na altura da morte, *praetor designatus*, e os filhos, *Q. Iulius Clarus* e *Q. Iulius Nepotianus*, *IIIviri viarum curandarum*, poderão, na verdade, ter morrido em Roma aquando do exercício das suas magistraturas e foi a esposa e mãe que tratou de erguer aqui o cenotáfio em sua memória. Anote-se, nestes vários casos, o papel interventivo da mulher.

Acrescente-se que o *cognomen Priscus, -a*, etimologicamente latino, tinha, em 1984, cinco outros exemplos no *conventus Pacensis* (IRCP p. 869).

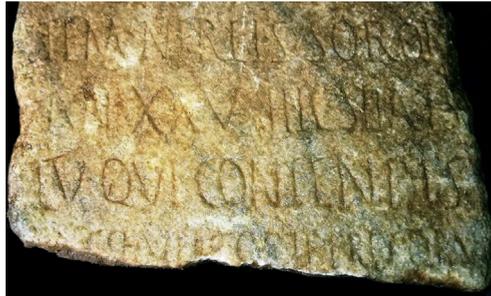
Pela paleografia, pela ausência da consagração aos Manes e pelo teor da fraseologia utilizada, estamos inclinados a datar o monumento no século I. E, para nos mantermos no clima poético que, inevitavelmente, deste epitáfio dimana, ousaríamos afirmar que navegamos em mar de escravos, o que condiz bem com o ambiente de *villa* de colono que em Roma, pesarosamente, teve de deixar um dos seus preciosos auxiliares e, aqui, outra acabou por perder. O facto de ser a *domina* que se menciona não poderá passar despercebido. Sim, era ela a *domina* de *Neritus*, não se nega; contudo, pertenceu-lhe, decerto, a iniciativa de mandar lavrar o epitáfio – e este constitui um bom indício de que à mulher se reservavam tarefas na gestão de uma *villa*, que não vêm exaradas nos tratados de agronomia.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

JORGE FEIO



1



2



3

673